SEMEDO, Odete Costa. *(In) Confidência*. Lisboa: Editora Novembro, 2023, 300 p.

(In)Confidência no fundo do canto: a poética de Odete Semedo

Ianes Augusto Cá*

As publicações de *Mantenha para quem luta* (1977) e de *Antologia dos novos poetas* (1978) foram gestos de instituir as primeiras idiossincrasias literárias de cunho nacional, capazes de responder algumas questões ou ao *negócio* inacabado do colonialismo e apelando à unidade e à construção da nação – um pré-anúncio da liberdade e esperança. Também nesse momento de institucionalização foi publicado *Garandessa di Nô Tchon* (1978), de Conduto de Pina, este reconhecido como o primeiro escritor guineense a publicar um trabalho individual. No entanto, compreende-se que esse período de reelaboração e de resposta à literatura colonial foi efêmero, já que foi atropelado por tensões e perseguições que foram emergindo no curto espaço da independência, culminando com golpe de Estado de 1980, e posteriormente com *O caso de 17 de outubro de 1985* – este último considerado um dos eventos que deixou uma mancha na história da nação.

O país passou por um longo período de silêncio com relação à produção literária, com a única exceção da obra *Não*

* Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutorando em Teoria e História Literária. realizou estágio de pesquisa no exterior no Centro dos Estudos sobre África e Desenvolvimento (CEsA / na Universidade de Lisboa - Out, 2023 - set, 2024), com pesquisa de campo realizada na Guiné-Bissau (Bissau e Senegal (Dakar). financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Mestre em Estudos Interdisciplinares em Humanidades e Licenciado em Letras- Português na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB (2018).

posso adiar a palavra (1982) de Helder Proença. Foi quase uma década sem existirem mais publicações, uma vez que estava estabelecendo um regime tido como autoritário e agressivo que controlava todas as produções artísticas e culturais, contrário aos *modus operandi* desse sistema opressor. Todavia, a entrada dos anos noventa inicia-se um período de abertura imposta pela comunidade internacional – *a democracia, o pluripartidarismo e liberdade de opinião* -, conseqüentemente a tolerância com as diversas manifestações artísticas de cunho crítico, as quais proporcionaram diversas edições individuais e inovações temáticas na literatura guineense. A poética de Odete Semedo emerge nesse “cenário” com a publicação da sua obra *Entre o Ser e Amar* (1996) que marcou aquela década que podemos considerar um período da virada literária da Guiné-Bissau, que culminaria na guerra de “7 de Junho de 1998”. Após conflito militar a autora publica a sua célebre *No fundo do canto* (2003), através da qual descreve poeticamente a guerra de “7 de Junho de 1998” como “A História dos trezentos e trinta dias e trinta e três horas”, apresentando uma nova nação moldada pela semântica de horror, traumas e fragilidades. A linguagem poética utilizada nessa obra revela diversas formas de violência, tais como assassinatos de figuras públicas, crítica ao militarismo e seus aliados civis.

Essas temáticas são retomadas com grande mestria em *(In) Confidência* (2023), publicada pela Editora Novembro, prefaciada pela Prof. Dra. Inocência Mata sob o título *(In) Confidência: um livro sereno*, e também conta com um posfácio crítico da Profa. Dra. Roberta Alves da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Vale destacar que Odete Semedo é uma mulher intelectual e investigadora Sênior

Permanente do Instituto de Pesquisa (INEP – Guiné-Bissau) com várias produções ensaísticas; escritora e poeta com várias obras em circulação. Atualmente, exerce plenamente a função de deputada no parlamento do país. Em julho de 2024, ela foi distinguida com o prêmio *Guerra Junqueiro da Lusofonia – Guiné-Bissau (2023)*. A escritora foi eleita no ano passado como presidente da Liga de Escritoras Africanas durante o congresso da Liga de Escritoras de África e Marrocos, realizado em Rabat, em 2023, e ainda em maio deste ano foi indicada como porta-voz das Escritoras Africanas no mesmo Congresso.

(In) *Confidência* é dividida em cinco partes intituladas (1) “(In) Confidência”, (2) “Palavras só Palavras”, (3) “Liberdade Absoluta”, (4) “Em que língua escrever?” e (5) “Foi aqui que eu nasci”, constituídos por um conjunto de 161 poemas tecidos em versos livres que pendulam, retomam e ressignificam a poética de *Entre o Ser e Amar* e *No fundo do Canto*, “mantendo embora um ritmo poético que faz entrever uma postura profunda do processo de registrar as suas vivências em diálogo com as experiências da comunidade, imaginada e coletiva” (Mata, 2023, p. 5). Esse diálogo ou conexão com a comunidade é iniciado na primeira parte do livro, “(in) confidência”, por meio do poema “libação”, que atua como uma espécie de prelúdio no qual irá “proceder à exposição das ancoragens intelectuais, gnosiológicas e afetivas do seu trajeto de formação poético-intelectual, evocando as múltiplas referências históricas, ancestrais, culturais e literárias” (Mata, 2023, p. 5). Isso acontece por meio de uma coreografia em busca do Eu, que implora para que essas entidades aceitem a sua libação, e por isso a voz poética conclama: “Aceitai as minhas palavras/ aceitai estes meus poemas / verbos de muitos prantos / fios de múltiplas lavras [...]” (Semedo, 2023, p. 14).

O grito e a libação transbordaram em múltiplos espaços, forjando uma fenda no tempo, estabelecida pela voz e pela figura de poetas como Dante, ancestralidades (*Natsiin, Baluguns, Manes e Lares*), José Craveirinha (poeta moçambicano), Alda Lara (Poetisa angolana, 1930 – 1962), Carlos Drummond de Andrade (poeta brasileiro, 1902-1987), Alda Espírito Santo (poetisa são-tomense, 1926 – 2010), Viriato da Cruz (político e escritor angolano, 1928 – 1973); Amílcar Cabral (poeta e revolucionário guineense e cabo-verdiano, 1924 - 1973); Eunice Borges (poetisa guineense com poemas em antologias poéticas); Helder Proença (poeta e político guineense, nasceu em 1956 e foi assassinado em julho de 2009); Tony Tcheca (escritor guineense, ensaísta e jornalista); Nelson Medina (poeta guineense); Conceição Lima (jornalista e poetisa são-tomense), e entre outras vozes poéticas – que vão abrindo o seu caminho e poeticamente construindo o seu espaço através das geografias íntimas e elementos sagrados da natureza que reverberam e produzem sons difusos, projetando assim uma voz literária de múltiplos espaços, plurilinguísticos e com linguagens artísticas diversas, mesclando a literatura, e pintura, libando e pedindo todas essas entidades: “Cubrais-me de algodão de papel e tinta / de folhas vivas e verdes / que se estendem diante de todos os olhos / folhas bandas/ onde o punho e a pena têm direitos/ [...] / Aceitai estes versos em torrente / grito da minha gente” (Semedo, 2023, p. 23).

A seguir, nos três poemas intitulados “Eu sou daqui”, o sujeito lírico sobreleva o seu lugar de enunciação poética, no qual a expressão “eu sou daqui” demarca o início de cada estrofe nos três poemas, apontando para os lugares vividos e construídos em forma de fragmentos dispersos do mundo arquitetado pela poeta, constituído, sobretudo, por espaços e saberes locais e universais.

Estamos diante de poesias intimistas, nas quais o eu-poético expressa os seus dissabores com relação às condições sociais e políticas riscadas pelas múltiplas violências reimplantadas no país após a guerra civil. Nessa seção compôs, anuncia e define artisticamente os tipos de silêncio como estratégia de denunciar os males que assolam o seu país desde a independência, questionando, sobretudo, no poema “Onde mora o meu silêncio?”. Essa indagação constitui um recurso retórico-lírico para desvelar que o “eu” da anunciação é forjado a postergar a sua liberdade e viver num silêncio oprimente. No entanto, para contornar essa condição, responde expressivamente no poema seguinte “O meu silêncio”: “O meu silêncio/ respira liberdade / diante de dores / faltas e desassossego” (Semedo, 2023, p.31), ou seja, a condição do silêncio em o eu-poético aceita se estabelece também em forma de resistência e de luta, já que declara: “O silêncio de mim / é guerreiro / tem zumbido / sininhos retinidos / crepitar do sol na brasa / da lenha ardente” (Semedo, 2023, p.33). Em poemas intitulados “Silêncio é galante” e “Silêncio magistral” o sujeito lírico define os tipos de silêncio caracterizando-os enquanto estratégia discursiva. Considerando os títulos dos dois poemas, nota-se uma certa contenção verbal. Eles refletem uma escolha deliberada pelo silêncio, que transmitem uma série de significados sutis e complexos, criando uma camada adicional de profundidade e complexidade na inteiração com o leitor.

Na terceira parte intitulado “Palavras só Palavras” constrói uma história através de um conjunto de poemas, procurando de maneira tênue a intertextualidade com *Não posso adiar a palavra* de Helder Proença, aquém a autora chegou a declarar que foi uma das pessoas que a incentivou no mundo literário ainda menina. A seção é aberta com lamento poético: “Hoje

acordei sobressaltada / coração apertado / peito ofegante / folego quase nenhum ... / Mataram o meu poeta! ” (Semedo, 2023, p. 93). No segundo poema da mesma temática, descreve a morte do seu personagem poético: “Bala quente / esfriou o corpo daquele / que não quis adiar a palavra / poeta dos saraus culturais / dos verdes anos setenta” (Semedo, 2023, p.95) e declara: “Meu poeta/ poeta cantalutista / incitou gerações / não adiar a palavra / [...] / o meu poeta cantou heróis / exaltou a pátria / ninou as crianças / embalou a terra / com palavras / prenhe de esperança” (Semedo, 2023, p.96). Contudo, lamenta a perda porque “[...] / o meu poeta foi engolido / pelo cilípedo / perdeu-se na garganta funda / de um mar / infestado de tubarões / e naufragou / em ondas de tempestades” (Semedo, 2023, p. 96 - 97) e em seguida pede a divina proteção: “Que a terra te seja leve e fria / como as águas da fonte de Ntatcha” (Semedo, 2023, p.99).

A quarta parte, aclama por “Liberdade Absoluta” como sugere o subtítulo. Nesta seção, a autora vai construindo versos soltos, através dos quais anuncia a liberdade da criação artística, sugerindo que “ Poesia é vida entre palavras / na sua verdade / é fala vestida de luz viva / na sua fantasia / [...]” (Semedo, 2023, p. 163). No segundo poema, “Raízes”, retoma a forma e o conteúdo de construção do poema “Libação”, evocando várias entidades espirituais e mitologias, mapeando os espaços e as geografias transnacionais que perpassam a África Ocidental e o Brasil — lugares de experiências compartilhadas da escravidão, retomando o sentido de um “Atlântico Negro”² criado pela rota da escravidão, como possível unidade de análise para

2 “refere-se metaforicamente às estruturas transnacionais criadas na modernidade que se desenvolveram e deram origem a um sistema de comunicações globais marcado por fluxos e trocas culturais. A formação dessa rede possibilitou às populações negras durante a diáspora africana formarem uma cultura que não pode ser identificada exclusivamente como caribenha, africana, americana, ou britânica, mas todas elas ao mesmo tempo. Trata-se da cultura do Atlântico Negro, uma cultura que pelo seu caráter híbrido não se encontra circunscrita às fronteiras étnicas ou nacionais” (Santos, 2022, p.273).

“Liberdade Absoluta”. Há um ressurgimento de uma poesia que celebra uma *poética da diversidade* e da *relação* – como forma de reconstituição de *vestígios* e de *acumulação* de experiência para *crioulização* (Glissant, 2005) —, sugerindo a formação identidades complexas e *rizomáticas*, contextualizadas e situadas. O eu-poético lança mão numa espécie de uma poética de regeneração, reconstruindo pela imaginação e sensibilidade as grandes e pequenas rotas (por vezes ignoradas ou silenciadas pelas grandes narrativas da escravidão) do tráfico humano, por exemplo *grande Rio Cacheu*.

Além desse retorno à memória da escravidão, também há variadas temáticas que norteiam a voz poética nessa seção, como o amor, as violências simbólicas e a denúncia ao machismo. Por exemplo, no poema “Cale-se”, percebe-se que a resignação não significaria alienação a essa condição, então declara: “Cale-se / para aceitar a oca força / do teu machismo / Cale-se / para calar a minha raiva / cale-se / para que pises na minha liberdade / cale-se / para aniquilar a insubmissão da minha gente / Não!” (Semedo, 2023, p.185). Essa estratégia de questionamento é um mecanismo retórico-poético que consiste na elaboração de respostas que contraria o primeiro argumento-poético, como responde a seguir de maneira incisiva: “Eu te renego / nego o teu cale-se / pego no meu cálice / minha cabeça / e derramo / em libação aos ancestrais / pela voz das insubmissas / Não ao teu cale-se! / Não!!” (Semedo, 2023, p.186).

Observa-se um tom insubmisso, mesmo em estado de vulnerabilidade a sua não vacila, contudo, o reiterado eco de não resignação pela retomada duas vezes consecutiva do verbo negar em primeira pessoa do singular, e depois a retomada sistemática do advérbio “Não” com iniciais em maiúsculo, figurando-se em

último e em um único verso da terceira estrofe. Isso é reiterado nos dois últimos versos do último parágrafo, em que o advérbio “Não” (sic), no penúltimo segmento enfatiza o grito da insubmissão e depois “Não” no final como verso autônomo que reverbera a repugnância como forma de estabilizar o abalado grito do eu-poético.

No quarto segmento, “Em que língua escrever?”, a autora molda sua poética no limiar da linguagem e da língua como forma tecer significados socioculturais e políticos, explorando temas do cotidiano que podem transgredir o discurso nacionalista, considerando a relação entre a língua e a nação. Aliás, sugere as “reflexões sobre assuntos relacionados a micro-representações do cotidiano, celebra o plurilinguismo o ideal da condição humana (Mata, 2023, p. 6). Parece que Odete Semedo responde à questão que havia colocado no seu notável poema “Em que língua escrever”, pela sua retomada agora como título de uma seção, escritos em quatro idiomas, tais como o guineense (crioulo), português, inglês e francês. Compreende-se que “Liberdade Absoluta” sugerida na seção anterior é retomada aqui numa forma de expressão poética em outras línguas, que não são necessariamente a sua língua materna ou oficial – a verdadeira celebração plurilinguista para fora dos clichês nacionalistas. Portanto, nessa seção deparamos com nove poemas escritos em crioulo, quinze em português, onze em inglês e cinco em francês. À primeira vista, percebe-se uma desproporcionalidade em termos dos números, não obstante isso acontece porque alguns poemas foram escritos em um único ou dois idiomas, outros foram reescritos em forma de tradução em três idiomas, como o exemplo a seguir: “Voz da natureza”, “voix de la nature”, “Nature voice”; ou “Simplesmente”, “Simply”; “Filha”, “Fidjo

Fêmia”. Portanto, percebe-se uma proporcionalidade, embora o português apareça como elo e veículo de tradução poética, porque perpassa em todos os poemas.

Um aspecto significativo nesta seção é o intercâmbio entre a poesia e a pintura, captando assim uma expressividade híbrida. São quatro versos transcritos em três idiomas (guineense, português e inglês) que são operados paralelamente às quatro obras de arte do artista plástico guineense Sidney Cequeira³. Poemas e pinturas se combinam numa relação estreita, construindo um diálogo estimulante entre forma e conteúdo. O grito poético e o silêncio das tintas no papel se confrontam, criando uma tensão dialética. O legível e o visível resultam em sentidos harmoniosos. As cores intensas produzem uma visão fantasmagórica e simbólica, mesclando tons de cinza, vermelho, amarelo, azul-claro e escuro, todas carregadas de pinceladas bem (in)tensa. O leitor é confrontado com uma questão de lirismo translinguístico — “yo llamo lirismo translingüístico [...] a textos o representaciones donde se opera simultaneamente más de um sistema linguístico” (Prat, 2014, p.240) —, que se depara com um conjunto de recursos líricos ordenados, articulados, e regulados por determinados sistemas de signos de infinita transferência de matéria pictórica para o interior do discurso lírico.

Na última parte, “Foi Aqui que eu nasci”, os versos articulam assuntos polêmicos e tão caros para a política da Guiné-Bissau, a liberdade, os direitos humanos e as violências simbólicas (censuras e autoritarismo) do Estado. Há uma urgência em grito de “Liberdade Absoluta” por meio da sua definição poética e plasma essa liberdade como meio indispensável para qualquer que seja o exercício democrático, porque ela foi uma

³ Para saber mais sobre o artista consulte: Sidney Cequeira (webnode.pt).

conquista histórica, como alerta: “Hoje tudo me é permitido / ganhei a liberdade quase absoluta / a minha fala ganhou o mundo / e voa ao sabor do vento [...]” (Semedo, 2023, p. 279). Revela-se uma poética intimista ou introspectiva, “em que o sujeito da anunciação se apresenta a sua personalidade afetiva e pensante” (Mata, 2023, p. 5), na mediada em que os versos expõem emoções e sentimentos, revelando sem equívoco a intensão do título do livro (*In*) *Confidência*, que expressa de maneira contundente no poema “Meu chão minha confidente”, revelando nele o grito de dor: “Minha terra / meu chão / parece que o meu país está anestesiado / Está tudo quieto e calado, todos / uma gota de água cair / será trovão no vácuo / em que tomaram o meu país” (Semedo, 2023, p.265). A sensação do desânimo e descompasso do eu de anunciação poética é estabilizada pela efêmera resignação: “Não tenho outro lugar / que não esta Guiné, confesso / é mágoa demais, / é um grande choque / Quero gritar alto quero chorar / [...] / Estou em terra alheia / tenho de calar esta dor-Guiné / me anestesiar também / como o próprio chão / para des-sentir a dor / [...]” (Semedo, 2023, p. 265). Apesar disso, projeta a tênue esperança fincada nos elementos da natureza ao declarar: “Valei-nos o macaréu de Geba / valei-nos a água doce do rio / valei-nos a força das pedras de Kussiltra!” (Semedo, 2023, p.283).

Em síntese, na verdade, podemos perceber ao longo da obra uma inclinação da autora para os aspectos ecológicos segundo os quais travessam e atravessam de forma sistemática todos textos, configurando o que vem sendo considerado a *ecopoética* pela crítica literária — retomando reiteradamente os elementos como rio, mar, Poilão, Iran, Chão, floresta, terra, mato —, os quais “nos declara sua forte conexão com a natureza, com sua terra,

nos pedindo permissão para que possa ‘contar a sua história’” (Alves, 2023, p.285). Aliás, a sua construção poética perpassa todo vetor daquilo que é considerado pela ecocrítica, um ramo da teoria literária contemporânea que sugere a “intertextualidade das categorias gênero, classe, raça, espécie, consideradas expressões distintas, mas análogas das estruturas de poder e dominação patriarcal e colonial” (Falconi, 2023, p.62). Dessa forma, a obra não só reflete uma ligação intrínseca com o meio ambiente, mas também insere essa conexão no contexto mais amplo das lutas sociais e históricas, evidenciando como as questões ecológicas estão intimamente ligadas a outras formas de opressão e resistência. Esta abordagem permite que a obra seja vista como uma interseção de discursos poéticos e ecológicos, nos quais a natureza não é apenas um cenário passivo, mas um agente ativo na construção da identidade e da memória coletiva para o bem-estar social.

Referências

ALVES, Roberta. Prefácio. In: SEMEDO, Odete Costa. (*In*) *Confidência*. Lisboa: Editora Novembro. 2023.

GLISSANT, É. *Introdução a uma Poética da Diversidade*. Tradução de . E. A. Rocha. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FALCONI, Jéssica. *Ecocrítica*. In: GALLO, Fernanda (org.). *Breve Dicionário das Literaturas Africanas*. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.

MATA, Inocência. Prefácio. In: SEMEDO, Odete Costa. (*In*) *Confidência*. Lisboa: Editora Novembro. 2023.

PRATT, Mary Louise. *Lenguas viajeras: hacia una imaginación geolingüística*. *Cuadernos de literatura*, 2014, 18 (36): 238-253.

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes. Resenha. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2002, V. 45 N° 1. Gilroy, Paul. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

SEMEDO, Odete Costa. *(In) Confidência*. Lisboa: Editora Novembro, 2023, 300 p.

Recebido em: 30/07/2024

Aceito em: 1/12/2024